

Da democratizacão da fotografia.

(Para "IRIS", Sao Paulo).

Cameras são compradas por gente programada para tal compra pelos aparelhos de publicidade. A camera destarte adquirida será do "ultimo modelo": menor, mais barata, mais automatizada e mais eficiente que a de modelos precedentes. O progressivo aperfeiçoamento dos modelos das cameras fotograficas é devido ao feed-back com o qual a industria fotografica é alimentada: Os fotografos amadores que foram programados para fotografarem se comportam de forma que serve de retro-alimentação para a industria fotografica. Tal industria aprende automaticamente a re-programar seus programas pela informação que lhe é fornecida pelo comportamento dos fotografos amadores, e pela imprensa especializada, a qual fornece a industria "testes" constantes que analisam tal comportamento. Pois isto é característico da democracia pos-industrial em geral: Os aparelhos se aperfeiçoam progressivamente pelo feed-back social, e a sociedade funciona enquanto funcionaria de aparelhos.

O aparelho fotografico, embora baseado sobre principios científicos e técnicos complexos, é de fácil manejo. É ele brinquedo estruturalmente complexo, mas funcionalmente simples. Nisto o aparelho fotografico é o oposto do jogo de xadrez, o qual é estruturalmente simples e funcionalmente complexo: embora sua estrutura e suas regras sejam simples, é muito difícil jogar-se bem. Quem segura aparelho fotografico de "ultimo modelo", pode fazer fotografias excelentes sem ter a minima ideia quanto aos processos complexos que está pondo em ação ao apertar o botão apropriado. O aparelho fotografico é "caixa preta".

O fotografo amador se distingue do fotografo conciente pelo fato que a complexidade estrutural do seu brinquedo o empolga. A opacidade do aparelho, essa sua impenetravel automaticidade, o entusiasma e inabria. Não procura, (como o faz o fotografo conciente), obrigar o aparelho a fazer coisas não programadas, mas procura, pelo contrario, aparelhos com programas sempre mais automatizados. Os clubes de fotografia são lugares de embriaguez com a complexidade aparelhística, lugares de "trips", lugares de encontros para drogados.

O aparelho fotografico exige do seu possuidor, (daquele que esta possesso por ele), que o aperte constantemente. Tal fotomania do eterno retorno de imagens sempre identicas ou muito semelhantes, tal cubica de redundancia, leva a ponto a partir do qual o fotografo se sente cego sem aparelho. Doravante o fotografo não mais podera olhar para o mundo, a não ser através o aparelho, e doravante perceberá ele o mundo apenas pelas categorias programadas no aparelho. Sua visao do mundo passara a ser programada, e independente da sua posicao individual, social, cultural ou geografica. Todos os fotografos amadores no mundo inteiro terao visao identica do mundo. "Cultura de massa". Isto é democracia pos-industrial.

O resultado é correnteza torrencial de fotografias. Tais fotografias vão formando memoria gigantesca de aparelhos, armazem colossal de funcionamento automatizado. É erro fatidico querer considerar um album de fotografo amador como se fosse armazem de vivencias, conhecimentos ou valores de determinada pessoa. O album é na realidade, documentação para algumas das virtualidades de um aparelho que se re-

alizaram automaticamente. Por exemplo: viagem para a Europa destarte fotografada documenta os lugares pelos quais o aparelho passou, e quais os gestos que o aparelho provocou no fotografo em tais lugares. A cultura democratica das imagens, tal como esta vai se estabelecendo em nosso torno, e, em seu conjunto, memoria "eterna" de aparelhos.

Todo mundo possui atualmente aparelho fotografico, e sabe fazer fotografias. Como todo mundo aprendeu a escrever, e sabe fazer textos. Quem sabe escrever, sabe tambem ler textos. Isto porque ao aprender a ler, aprendeu tambem as regras da gramatica e da ortografia. Mas quem sabe fazer fotografias, nao sabe necessariamente como le-las. Isto porque nao aprendeu regra, mas apenas modos de usar de mais em mais simples. Por isto o fotografo amador e fotograficamente iletrado. Cre que o aparelho faz as fotografias automaticamente da seguinte maneira: Raios sao refletidos pelo mundo, entram pelo buraco "input" do aparelho, e saem pelo buraco "output" sob forma de fotografias. Cre portanto que as fotografias sao imagens objetivas do mundo. Ignora todo o processo codificador que se passa no interior do aparelho. Nao sabe portanto que fotografias, como toda imagem, sao simbolos convencionados. Nao sabe decifrar as fotografias que ele proprio produziu. A democratizacao da fotografia tornou mais dificil o deciframento das fotografias: como todo mundo sabe como faze-las, todo mundo cre que nao e preciso decifra-las. A democratizacao pos-industrial leva, de modo geral, a perda do senso critico, porque faz com que todo mundo pense que esta "participando ativamente".

As fotografias produzidas de tal maneira democratica sao objetos com valor desprezivel. Sao folhetos multiplicaveis, e podem ser manipulados enquanto folhetos. Recortados, amarrotados, rasgados, jogados na cesta. Isto cria a impressao que a gente pode fazer com as fotografias o que bem entende. Pode despreza-las. Na realidade, no entanto, sao as fotografias as que manipulam a gente. A gente se comporta conforme as fotografias, porque a gente vivencia, conhece a valoriza o mundo, em parte apreciavel, pelo intermedia de fotografias. Pois isto caracteriza a democracia pos-industrial em geral: a gente cre poder desprezar os aparelhos e seus produtos, ja que todo mundo possui aparelhos, e ja que seus produtos sao de valor desprezivel, e isto contribui para que os aparelhos e seus produtos possam manipular a gente sempre mais eficientemente.

Concluindo: a democratizacao da fotografia serve de modelo para a democracia do futuro.